

efémero

teresa pereira

Para o meu avô Augusto



CAPÍTULO 1

Todos somos uma pegada no mundo de alguém.

Abri os olhos, tinha areia nas pestanas e sal na ponta dos pés, desejei ficar deitada só mais dez minutos, mas depois lembrei-me e saltei da cama.

A *Camila*, a gatinha de pelo cinzento e olhos cor de caramelo, deitou-me uma longa olhadela. Baixei-me e fiz-lhe uma festinha entre as orelhas, ela devolveu-me o amor, lambendo-me as pontas dos dedos.

— Quem é a gatinha mais linda, quem é? — perguntei, daquela forma meio tonta que os apaixonados usam.

Arrastei-me até à casa de banho. Despi as calças de fato de treino e a camisola de manga comprida com capuz que ultimamente servia de pijama e olhei-me ao espelho. O meu cabelo preto caía-me até ao fundo das costas, os olhos verdes e redondos que herdei da minha mãe observavam-me meio entorpecidos.

A minha boca alongou-se num bocejo.

Enfie-me debaixo do chuveiro, esfreguei o cabelo com o cheiro habitual a coco, esqueci-me da vida e fugi da autocomiseração.

A janela do meu quarto mostrava um dia cinzento. Abri o armário e tirei uma camisola às riscas azuis e brancas.

A *Camila* levantou os olhos para mim.

— Demasiado *sexy*, não?

A gata ronronou e depois meteu o focinho entre as patinhas dianteiras.

— Sim, eu também gosto.

Vesti as calças de ganga e fitei longamente as minhas sapatilhas, uma coleção que se resumia a uns ténis azul-escuros e outros cinzentos. Agarrei nos cinzentos, rotos e com as solas completamente lisas de tanto uso.

Dei um beijinho no cocuruto da *Camila* e saí do quarto com o meu saco de pano ao ombro e o casaco na mão.

A minha mãe andava de um lado para o outro na cozinha. Ela sabia como andar em saltos altos, a sua passada era elegante e com uma força desinibida. Era uma mulher baixa e curvilínea, com o cabelo curto pintado num tom castanho-claro, usava sempre brincos muito grandes e gritava com a mesma energia e calor com que nos abraçava.

Será que quando eu tiver 50 anos vou ser como a minha mãe? Uma mulher linda e confiante, que pisa o mundo sem pedir autorização?

— Porque te levantaste tão cedo? — perguntou, olhando-me de cima a baixo.

Fitei o pequeno relógio pendurado na parede da cozinha: eram 6h49.

Peguei numa chávena e verti o chá de limão para ganhar tempo. O meu pai já devia ter saído, a maioria das suas aulas era de manhã.

— Posso perguntar-te o mesmo.

— O teu pai ainda tem o carro na oficina, tive de voltar a levá-lo à escola. E a menina? — questionou, enquanto barrava a torrada com doce de amora.

Encolhi um ombro, o meu coração batia depressa por baixo das costelas.

— Tenho umas receitas novas que quero experimentar. Ainda não desisti de fazer a massa *choux* na perfeição.

— Já te disse que só precisas de prática.

— Por isso mesmo, tenho de praticar — respondi, com um sorriso amarelo. Detesto mentir.

— Não vais comer nada? — perguntou, ao ver-me pegar nas minhas coisas para sair.

— Não tenho fome.

— Come ao menos uma banana.

— Depois tomo o pequeno-almoço com o Fábio.

Deitei uma olhadela de soslaio ao relógio, estava a ficar atrasada.

Aquela hora, os ocupantes do autocarro resumiam-se a uma senhora de meia-idade e dois adolescentes com os olhos pregados nos ecrãs dos telemóveis. Sentei-me no fundo do autocarro. Encostei a testa à janela embaciada e contemplei a chuva miudinha que caía sobre o mundo.

Sonhei com agosto, morangos e gelado de baunilha.

Passados alguns minutos, o extenso areal da praia apareceu em todo o seu esplendor.

O meu coração disparou.

Estaria ele ali?

Estaria a contemplar o mar, completamente alheio ao mundo em seu redor? Estaria à procura de uma resposta que por vezes está na ponta da língua, mas no último instante foge e tudo não passa de um sonho?

As portas do autocarro abriram-se. Dei um pequeno encontrão num dos adolescentes, que me deitou um olhar enfadado. Balbuciei uma desculpa e saí à pressa. Atravessei a passadeira e aproximei-me do pequeno muro de pedra.

Como o muro não era muito alto, tinha uma vista panorâmica sobre o areal. O horizonte era uma mancha de nuvens carregadas e escuras que prometiam chuva. Os surfistas espalhavam-se pela linha costeira, num mar revoltoso.

Como a cobardia vivia por cima do meu ombro, adiei o mais possível olhar para a praia e procurá-lo por entre as poucas pessoas que àquela hora se aventuravam até ali.

Ele estava sentado com os joelhos junto ao corpo, usava um casaco preto, umas calças de ganga escuras e umas botas por cima da bainha das calças. O capuz tapava-lhe parte do rosto; como sempre, só conseguia ver com nitidez parte do maxilar coberto com a barba de alguns dias. Queria tanto ter a coragem de descer até lá abaixo. Ver o rosto dele e saber se os seus olhos eram tão doces como eu os desenhava nas minhas fantasias.

Pousei as mãos abertas na borda do muro, para sentir alguma coisa para além dos batimentos descontrolados do meu coração.

Ele mantinha-se na mesma posição. O olhar fixo no mar. Eu imaginava que estaria à espera, talvez da rapariga que amava, talvez do momento certo. Há algum tempo que ele vivia dentro da minha cabeça como se fosse real, como se não fizesse parte de uma ilusão.

— John... — O nome soltou-se dos meus lábios entreabertos.

As letras foram levadas pelo vento, desceram a pequena falésia e pousaram na areia, aos pés do desconhecido.

O John.



CAPÍTULO 2

Era dezembro quando o vi pela primeira vez. As decorações de Natal iluminavam as ruas e as árvores despidas da avenida. Chovia torrencialmente. Na noite anterior, o temporal não me tinha deixado dormir. Fiquei horas a olhar para o teto, com a *Camila* a dormir aos meus pés, enquanto o vento gritava com as árvores e a chuva barafustava com a janela.

No início da manhã, os estragos no nosso jardim eram visíveis. Partes de galhos das oliveiras arrancadas, as cadeiras da mesa de jardim viradas para o ar e a sebe do vizinho descaída para a direita, como a reticência de uma ideia.

O vento agredia-me de lado, enquanto tentava manter direito o pobre guarda-chuva que me fugia das mãos numa coreografia desengonçada.

Não sei o que me chamou a atenção, se calhar foi o casaco amarelo, a minha cor preferida, ou então o facto de que, com aquele temporal, ninguém no seu perfeito juízo quererá estar na praia. Até os surfistas mais aventureiros se tinham escapado ao vento e à chuva intensa.

Ele estava perto da orla da rebentação, as mãos enfiadas dentro dos bolsos do casaco. Tinha as costas muito direitas. A água escorria-lhe do capuz para a cara, mas ele não parecia desconfortável. Os seus olhos fixavam as ondas assustadoras cobertas de espuma.

Aproximei-me do muro, pestanejei para afastar a chuva dos olhos, o meu cabelo estava ensopado nas pontas.

O que estaria aquela pessoa ali a fazer?

O estranho vestia umas calças de ganga pretas, umas botas da mesma cor e mantinha-se completamente imóvel. Nem quando uma rajada forte de vento lhe bateu de lado ele se mexeu. Olhar para ele era assustador e, ao mesmo tempo, fascinante. Era como se fosse um louco, prestes a correr para o mar. Fiquei a olhar durante muito tempo, com medo de que ele fosse suicida.

Os meus ténis estavam encharcados. Sentia a humidade desconfortável da bainha das calças de ganga a ensopar-me as meias e os calcanhares, mas mantive-me tão quieta quanto o estranho.

Ao fim de meia hora, ele mexeu-se, tirou uma mão do bolso do casaco e passou-a pelo rosto. O meu coração disparou com um som desconhecido. Afastei-me do paredão, não fosse ele vir para cima, na minha direção, e dar com uma louca a olhar espedrada para ele.

Como se tivesse apanhado um fiapo do meu pensamento, o estranho virou-se na direção contrária ao paredão, ergueu a cabeça deixando a água escorrer pelo seu rosto, depois virou as costas e afastou-se.

Recuei alguns passos e perdi-o de vista.

Assim que entrei no conforto da cozinha da casa de chá, liguei o rádio na minha estação preferida e concentrei-me no trabalho.

Não voltei a pensar no estranho. Pelo menos até ao final do dia.

Antes de ir embora voltei a espreitar para a praia. Ele surgiu nos meus pensamentos como a impressão de uma aguarela.

No dia seguinte levantei-me mais cedo e fui até à praia. Aproximei-me do muro de pedra. Os surfistas ocupavam parte do extenso areal, algumas pessoas corriam longe da rebentação, um homem segurava um cão grande pela trela. E lá estava ele, sentado com os joelhos junto do peito.

Desta vez consegui vê-lo com mais nitidez. Parecia ser um homem jovem, alto, com costas largas. Presumi que noutros tempos tivesse sido um nadador, ou então alguém que ia ao ginásio com regularidade.

Os seus olhos mantinham-se afogados no mar. Parecia solitário, mas confortável na sua pele.

Fiquei a olhar para ele, hipnotizada pela sua quietude. Num mundo em que a pressa se tornou lei, ver alguém desfrutar de um momento era inebriante.

Com um movimento brusco, levantou-se e esfregou o rabo com a mão, para soltar a areia. Usava umas calças de fato de treino cinzentas, um casaco escuro e o boné enterrado na cabeça tapava-lhe parte do rosto, mas desta vez tive um vislumbre do maxilar forte e da ponta do nariz.

Ele enterrou as mãos nos bolsos do casaco, baixou a cabeça e afastou-se numa passada decidida.

John.

O nome nasceu nesse dia, não sei o verdadeiro motivo, nunca tinha conhecido nenhum John. O John vinha à praia todos os dias ao amanhecer, como se procurasse a reclusão, e eu passei a observá-lo atentamente.

Como não lhe conhecia o rosto, ele podia ser aquilo que eu quisesse. O meu coração ferido apegou-se à imagem perfeita do John que eu ia criando como uma artesã.

Ele vinha de um lugar bonito. Decidi-me pelo Havai.

Nunca estive no Havai, a única viagem que fiz para fora do país foi no ano passado, quando fui a Londres visitar a minha irmã. Mas como há pouco tempo tinha visto um documentário sobre as praias paradisíacas do Havai, decidi que o John vinha desse lugar mágico.

Ele estava na minha vila por causa de um desgosto de amor. Na minha cabeça, o John tinha sido abandonado por uma namorada gélida, cruel e sem um pinga de empatia. Claro que se eu parasse para ouvir a vozinha irritante da razão, ela dir-me-ia que estava a projetar no John as minhas frustrações e o final da minha relação com o Sebastian.

Ignorei a razão, por vezes, ela é apenas maldosa.

A única coisa que me interessava era o John. O John era doce, sensível e querido. No dia em que ele entrasse na casa de chá, ia olhar para mim e apaixonar-se. Não ia ver-me como uma rapariga chata e enfadonha, não ia ver-me como o Sebastian.



CAPÍTULO 3

O John não apareceu no dia seguinte, nem no resto da semana. Comecei a ficar nervosa, por isso passei o fim de semana em conjunturas pouco positivas.

O John podia ser um forasteiro que regressou à sua terra. Apanhou um avião e a esta hora está a aterrar no paraíso.

E se lhe tivesse acontecido alguma coisa? E se ele era mesmo um suicida?

Não. O John fez as pazes com a amada e agora estava feliz. Longe da praia, longe de mim. A vida, com o seu sentido de humor perverso, roubou-me o John. Senti um peso esquisito no peito, uma amargura condescendente.

O Fábio entrou na cozinha, com as mãos no ar.

— Vou matar a louca da Bernardete! Vou deitar tanto açúcar na chávena do chazinho de hibisco, que ela vai ter uma crise de diabetes. Melhor, ela vai morrer engasgada! — Colocou a mão sobre o pescoço e arregalou os olhos como se estivesse a sufocar.

O Fábio era o meu melhor amigo desde os seis anos. A nossa professora sentou-nos lado a lado no primeiro dia de aulas, depois de nos apanhar na casa de banho a olhar um para o outro como as raízes de um solo tenro. O Fábio estava aninhado a um canto, uns miúdos mais velhos tinham-se metido com ele, apenas porque ele tinha uma lancheira cor-de-rosa. Eu sentei-me ao lado dele e fiquei em silêncio, a vê-lo fungar. Como não sabia o que dizer, apertei-lhe a mãozinha sapuda.

Desde esse dia, o Fábio passou a ser o meu irmão do coração. Ele era fiel, divertido e tão excêntrico com as roupas coloridas que gostava de usar... Era magro e quando estava nervoso tinha tendência para abanar as mãos, como se mosquitos invisíveis o quisessem comer.

Ele acabou por vir trabalhar para a casa de chá depois de ter desistido do curso de jornalismo. Envolveu-se com um professor que era casado e ainda por cima era casado com uma mulher, mas que nos tempos livres gostava de ter casos com jovens rapazes. Nunca tinha visto o Fábio tão triste e magoado. O meu amigo, que via sempre o copo meio cheio, passou por uma fase muito negra.

Passados quase três anos, o Fábio mantinha-se na casa de chá e a maioria dos clientes adorava-o. Exceto a Bernardete, claro.

— Que foi que a Bernardete fez desta vez?

A Bernardete fora uma das primeiras clientes a frequentar a casa de chá. Era uma senhora de meia-idade, com uma expressão carregada. O rosto marcado por rugas que transmitiam amargura. Ela enlouquecia o Fábio e a minha mãe, com as suas queixas intermináveis.

— A cabra chamou-me bicha. Dá para acreditar? — Ele atirou as mãos ao ar. A camisa que usava era larga, com um padrão florido, as calças cor-de-rosa colavam-se às pernas magras.

— Eu acho que ela não te queria ofender, ela vive sozinha há tanto tempo que por vezes não sabe bem como interagir — respondi, numa tentativa de o acalmar.

— Claro que ela vive sozinha, quem é que quer viver com uma cascavel?

O Fábio deitou uma olhadela ao bolo de amêndoa e ovos moles que eu estava a decorar com amêndoas laminadas.

— Isso tem bom aspeto. — Apontou com o dedo. — Pena eu já ter comido a minha quota de açúcar hoje. — Colocou as costas da mão na testa de forma dramática. — Continuando, ela não ficou sem resposta. Eu disse-lhe que posso ser bicha, mas não uso o mesmo penteado desde que a princesa Diana morreu. Devias ter visto os olhos dela, deitavam labaredas. — Ele soltou uma risadinha sarcástica. — Aquela cabra da Bernardete tem ciúmes de mim! Eu tenho um lado feminino muito apurado, tenho umas sobrancelhas estupendas, sou lindo, inteligente e gostoso, para não falar que estou na flor da idade.

Trinqueei o lábio para esconder um sorriso.

— Qual é o homem que iria aturar uma ressabiada daquelas? — continuou. — Nem Jesus Cristo na sua infinita paciência.

— Já experimentaste ser um pouco mais simpático com ela?

— Nem pensar. — Ele abanou a cabeça repetidas vezes. — Prefiro ter rugas no rabo. Ela não merece a minha simpatia.

— Ela não tem amigos.

— E eu com isso? A culpa é toda da tua mãe, ela devia proibi-la de vir cá.

— Ela é uma das clientes mais antigas.

— Por isso é que vou ser eu a sujar as mãos. Vou matá-la! — Estreitou os olhos. — Vou comprar cianeto, ou veneno dos ratos. — Abanou a cabeça lentamente.

— Tu não estás a falar a sério.

Ele aproximou-se de mim e dobrou a mão sobre a testa.

— Quem vai desconfiar do *gay*?

— Esquece a Bernardete.

— Que remédio. — O Fábio veio ter comigo, pousou a cabeça no meu ombro e encheu as bochechas de ar. — Devias dar-me uma fatia desse bolo. Hoje mereço.

— E a dose de açúcar diária?

— Que se lixe!



CAPÍTULO 4

Janeiro chegou ao fim. A chuva deu lugar ao frio cortante e o céu azul era como uma linha que descose desejos.

Desisti de procurar o John. Tudo o que não acontece não pode criar saudades.

— Então? — Abri as mãos em leque e aponte para o bolo de baunilha com camadas de creme de chocolate negro.

O Fábio parou ao meu lado, colocou um dedo no queixo e avaliou o bolo como um juiz.

— Bom.

— Só isso? — Fiz um esgar com os lábios. — Este magnífico bolo merece um aplauso, uma vénia. — Afastei algumas madeixas do meu cabelo apertado a meio.

— Então, parabéns. — O Fábio debruçou-se sobre a mesa e esticou a mão, eu afastei-lha com uma palmada.

— Nem penses. O bolo vai lá para dentro, é para os clientes.

— Oh, isso é tão injusto. — Afastou-se para o lado, deitando-me um olhar prolongado e avaliador.

— Essas olheiras ainda se devem ao tomate mirrado? — perguntou, usando a alcunha que a minha irmã tinha inventado para o meu ex-namorado.

— Não — respondi apressadamente.

Poucas vezes pensava no meu ex-namorado, a viver o seu conto de fadas com a nova namorada linda, interessante e perfeita. Ultimamente, os meus pensamentos estavam entupidos com um estranho que não sabia que aspeto tinha e que muito provavelmente nunca mais veria.

O Fábio sentou-se com a perna cruzada.

— Se não é por causa do tomate mirrado, então andas assim meio dispersa porquê? — Ele fez uma pausa, arregalando os olhos. — Maria, conhecestes um gostoso?

— Não. — Virei as costas e coloquei o bolo em cima da bancada.

— Conhecestes! Tu não me mintas.

Olhei através da parede rasgada de vidro que dava para a praia, lá fora uma mulher com uma criança pequena vestida com um casaco cor-de-rosa e um gorro na cabeça passeavam de mãos dadas no meio do areal.

Entrelacei os dedos para esconder um pouco da vergonha que sentia e contei ao Fábio sobre o John, o estranho da praia. Contar que estava um pouco fascinada por um desconhecido era um pouco deprimente, bastante patético e muito louco.

— Meu Deus — atirou o Fábio quando terminei. — Tu estás interessada num velho babão.

— O quê?

— Só pode. Ora pensa comigo — ele começou a enumerar com os dedos —, como nunca viste o tipo com uma prancha debaixo do braço não é surfista. Ou seja, só pode ser um velho que se levanta com as galinhas para ver as raparigas em biquíni.

— Não estás a dizer coisa com coisa, Fábio.

Ele levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

Olhei-o confusa.

— Ele está senil, por isso pensa que estamos em maio.

— Tu é que pareces senil.

— O babão vem para a praia todos os dias a pensar que estamos em maio, porque é quando as raparigas começam a ir à praia apanhar um bronze. Que nojo! — O Fábio enrugou os lábios finos.

Tapei parte da bochecha e ri-me, um sorriso verdadeiro que há muito não sentia existir dentro de mim.

— Essa teoria é absurda. Que espécie de idosos conheces tu?

— Absurdo é teres-lhe dado um nome e ainda não teres descido até à praia para veres como ele é! Eu apenas estou a pensar de forma realista.

— John é um nome querido.

— Queridos são os pandas, Maria Mendes. — Enfadado, ergueu as mãos para o teto. — Cá para mim, ele foge do lar onde vive.

— Eu vejo como ele se move.

O John tinha umas costas interessantes e bonitas, pensei, meio sonhadora.

— E não se parece nada com um senhor de 80 anos.

— Deve ter 79 — respondeu com sarcasmo. — Caramba, Maria Mendes, tanto homem heterossexual que eu te podia apresentar e tu vais ficar embeçada por um velhote, ainda por cima babão. — Os lábios dele enrugaram-se. — Que pontaria, ao menos olha para os surfistas jeitosos, a maioria é decente. — Contraiu os lábios numa linha dura. — Claro que há sempre uma ovelha ronha.

— Estamos a falar do...

Ele levantou o dedo, interrompendo-me.

— Os traidores não têm nome.

O Jaime era o namorado do Fábio, semana sim, semana não. Um rapaz simpático e carinhoso, com longos cabelos louros, fazia surf, aos fins de semana ia para as praias apanhar lixo e tinha uma paciência descomunal para os amuos e as exigências do Fábio.

— O que se passou esta semana? — perguntei, suavemente.

— Eu terei de te relembrar que a tua lealdade é para comigo? Se o Jaime pensa que vai ser tudo como ele quer, está muito enganado. Eu sou um homem livre e gosto pouco de ultimatatos.

— O Jaime está apaixonado por ti.

— Podemos não falar sobre isso? — O Fábio pousou a mão na testa. — Temos um assunto bem mais importante para tratar neste momento

— Que é?

— O velho babão.

— Por favor, não lhe chames isso. O John era perfeito — disse, com os olhos postos no chão.

— Na tua cabeça, amiga. Tu estás caidinha por um maxilar, a ponta de um nariz e umas costas. — Ele arregalou os olhos. — Ou seja, tenho de concluir que estás a usar esse John como um escape. Tu ainda estás a sofrer por causa do tomate mirrado.

— E se estiver? — Afastei-me dele, virando as costas para o sol que se escondia atrás das nuvens.

— Meu amor. — O Fábio apareceu atrás de mim e encostou o queixo no meu ombro. — Deita Betadine, faz *botox*, raspa com cuspe. Não sei, inventa! Mas esquece o que o tomate mirrado te fez.

— É difícil esquecer alguém que esteve dois anos na minha vida e acaba comigo porque eu sou desinteressante.

O meu peito começou a arder, como se tivesse um buraco que tinha de ser tapado, mas não havia nada com solidez suficiente para tapar a desilusão.

— Ele é que é chato, enfadonho e desinteressante — respondeu, dando-me um beijinho no ombro. — Quem é que no século XXI usa sapatos de vela? Os velejadores, os padrinhos da máfia e o Sebastian.

Virei-me de frente para ele.

— Como é que sabes que os padrinhos da máfia usam sapatos de vela?

— Isso agora... — Pousou a mão aberta no peito. — Eu tenho muitos contactos.

Era fácil amar o Fábio, ele desconstruía a dor. Puxei-lhe a mão e abracei-o com muita força.

— Tu és doido, mas eu adoro-te — disse, afastando-me com um sorriso na cara.

No final da tarde, as minhas pernas latejavam e os pés doíam-me.

Lá fora, a chuva tinha abrandado, o manto carregado de nuvens escuras descia sobre o horizonte e acumulava-se na praia deserta como uma saudação.

Fitei a quietude da casa de chá. O espaço era composto por uma grande sala retangular, duas paredes de vidro que iam do chão de madeira escura até ao teto da mesma cor. A parede virada a sul mostrava a praia, as rochas e as casas pintadas de branco e azul junto à marginal. As outras paredes da casa de chá tinham um tom branco desmaiado, como se o vento que corta o inverno se tivesse infiltrado por aqui.

Os seis pilares forrados de madeira de nogueira espalhavam-se ao longo da sala como sentinelas. Lá ao fundo via-se o pequeno balcão. Já não havia bolos na montra, apenas um pequeno apontamento de vida, a jarra com tulipas vermelhas que a minha mãe comprou esta manhã no mercado.

Voltei ao trabalho, esfregando o tampo da mesa seguinte.

O Fábio espreitou por cima do balcão e ao ver-me veio ter comigo.

— Estive a pensar.

— Ui — respondi com um sorriso. — Devo preocupar-me?

— Deves preocupar-te com o plástico no oceano e não com a minha inteligência.

Parei de limpar a mesa e cruzei os braços.

— A minha veia de jornalista faz-me ver as coisas de vários ângulos.

Soltei um queixume, já sabia onde aquela conversa nos ia levar.

— O teu John é um surfista perneta.

— Como? — Abri a boca. Não estava a acreditar no que acabara de ouvir.

— Não olhes assim para mim — respondeu, agitando as mãos no ar. — As evidências estão lá todas, claro que eu ainda não descartei o velho tarado que gosta de ver meninas em biquíni. Mas como eu sou uma tempestade

de criatividade e raciocínio rápido, compreendi que existe uma forte, eu diria quase uma absoluta possibilidade de o John ser um surfista nostálgico que perdeu a perna num acidente e agora só lhe resta ter inveja dos outros surfistas. — O Fábio pousou a mão no peito. — Está resolvido o mistério de ele ficar horas espedado a olhar para o mar. Ele sente saudades do tempo em que se equilibrava numa prancha.

Deitei-lhe um olhar prolongado.

— Não precisas de me agradecer.

— Tu estás doido — respondi, voltando ao trabalho. Esfreguei com mais força a mesa redonda e fixei os olhos no tampo como se ali encontrasse respostas para todas as perguntas.

— Eu pensei que ias ficar contente! — O Fábio andava à minha volta com as mãos no ar. — Um surfista sempre é melhor que um velho babão.

— E que tal pensares que ele pode ser uma pessoa normal? Que gosta de ter tempo para apreciar as coisas simples?

— Pareces um daqueles doidinhos que veem Cristo numa rodela de limão.

— As tuas teorias são assustadoras! — Estiquei as mãos no ar para não dizer algo que me arrependesse. O Fábio não merecia levar com o meu azedume e frustração. Eu sabia que por detrás daquela loucura estava apenas preocupação. Ele queria ver-me feliz.

— Este assunto está a descontrolar-se. Estamos a dar demasiada importância a uma pessoa que nunca vou conhecer.

O Fábio abriu as mãos, abarcando o espaço ao nosso redor.

— Concordo. Sabes como é que este assunto podia ficar encerrado? Se tu pegasses nessas pernas bonitas e fosses até à praia. — Apontou o dedo para o meu rosto.

— Eu não vou a lado nenhum.

— Isso sei eu. — Ele suspirou demoradamente. — A cara de cu do Sebastian foi um cabrão contigo. Ele que fique com a loura com mamas de plástico. Haverá maior clichê que uma loura com mamas e lábios de plástico?

Retraí-me. Que poderia eu fazer se todos os dias me recordava do quão humilhada me sentia? Algo dentro de mim diminuía de tamanho. Eu diminuí e não sabia o que fazer para voltar a ser a Maria de antes, por isso agarrava com muita força os pequenos nada que me davam conforto. Agarrava o John que criei na minha cabeça.

— Eu estou bem — disse, saboreando a mentira na ponta da língua. — O Sebastian é passado.

— Até podes dizer isso em confissão que não passa a ser verdade. Tu acreditas no que ele te disse. — O Fábio apertou o meu ombro com carinho. — O Sebastian é um cara de cu sem cérebro, nada do que ele disse corresponde minimamente à verdade. Tu és interessante, só és um bocadinho tapada e demoras muito tempo a ver isso. Maria Mendes, no final das relações a maioria das pessoas mostra o pior de si. O Sebastian só mostrou aquilo que ele é.

— Ele apaixonou-se por outra, eu não o posso culpar por isso.

— Nem tentes desculpá-lo, Maria Mendes. Ele não te respeitou, por isso eu espero que lhe caia a pila e bem devagarinho.



CAPÍTULO 5

Contar pelos dedos de uma mão os rapazes que beijámos ao longo da vida pode ser entediante, ou então, se formos pessoas piedosas, pode ser interessante.

A primeira vez que senti os lábios de um rapaz colados aos meus, tinha 15 anos. O Miguel tocava bateria na garagem dos avós. O Miguel beijava-me e apalpava os meus seios quase inexistentes com o mesmo afínco com que pegava nas baquetas e criava sons arranhados.

Claro que o Miguel se fartou de namorar, pelo menos comigo. Em junho, quando faltavam apenas alguns dias para terminar as aulas e eu só sonhava em passar os dias quentes e infinitos do verão agarradinha ao Miguel, ele veio ter comigo, pegou na minha mão, levou-me até ao banco de jardim perto da nossa escola e, com os olhos verdes colados nos meus, disse-me que tínhamos de terminar. Ele precisava de tempo para se dedicar à música, para compor, para estar com os amigos da banda. Eu fiquei desfeita. Passei o verão a chorar e a tentar organizar o versículo de dor que a rejeição do Miguel tinha deixado em mim.

No ano seguinte apareceu o Ricardo, moreno, com um olhar tímido. Sentava-se ao meu lado na aula de História, pedia-me apontamentos sem olhar para mim. Era o rapaz mais fofo e querido que eu alguma vez tinha visto na vida. Apaixonei-me como uma garrafa efervescente. Mas, como é obvio, o Ricardo não era assim tão perfeito.

Num dos fins de semana em que estava em casa do pai, ele conheceu uma loura linda — começava aí o meu padrão de ser trocada por louras lindas, com pernas de *passerelle*, estômagos de quem nunca come e olhos de gazela estonteantes.

O Ricardo nem teve coragem de me olhar nos olhos quando começou a passear-se pela escola com a loura. Eu passei a ser a rapariga rejeitada. Algo de físico acontece no corpo quando somos rejeitados, é uma dor que começa no meio do peito, espalha-se como o sangue pelas veias, vai até ao estômago, faz um remoinho podre dentro de nós e depois agarra-se ao cérebro como uma memória com bolor.

Por isso eu precisava do John e da fantasia que criei em volta dele. Ele podia ser a minha alma gémea. Ele olhava para mim e gostava de mim como eu era, coberta de insegurança e manchada pela pouca estima que dedicava a mim mesma.

O John era perfeito, porque não era real.

O John era perfeito, porque abafava a sombra do Sebastian.

O Sebastian foi a maior decepção da minha vida. Embora eu tenha uma parte de culpa na nossa história. Eu fingia que não via a condescendência com que ele me tratava, fingia não ver a forma como os pais dele olhavam para mim nas poucas visitas que fiz à casa dele.

Eu não era propriamente a namorada de sonho. Não fui para a universidade, não conhecia trinta países, não falava oito línguas ou viajava em aviões privados.

Eu era pasteleira, trabalhava na casa de chá da minha mãe. Era apenas uma rapariga comum.

Encantar-me com o Sebastian foi fácil, mas com o tempo a paixão sem borboletas deu lugar a uma relação onde eu perdoava e ele nada dava.

— Hábito — disse a minha irmã.

Estávamos as duas no meu quarto, deitadas em cima da cama. As longas pernas da Sílvia estavam levantadas e encostadas à parede. Eu estava deitada de costas, com as mãos sobre o estômago. Tentava deitar cá para fora a tristeza avassaladora da rejeição, da perda, da mágoa, de tudo o que corrió as entranhas.

— Tu não estavas apaixonada por ele, maninha. Os teus olhos não brilhavam.

Os meus ombros estremeçeram, contrariando o que ela acabara de dizer.

— O gajo é um apumadinho do pior, é daqueles que tem sempre um ar arrogante.

Ergui-me e sentei-me na cama com as pernas cruzadas.

— Eu gostava dele. — Limpei os olhos com os dedos.

A Sílvia também se levantou, apoiando-se no cotovelo. Ela fitou-me através dos olhos grandes e verdes, iguaizinhos aos meus. A minha irmã tinha o cabelo preto como a asa de um corvo, curto e direito, a franja às vezes caía para a frente dos olhos. A Sílvia podia ser uma atriz francesa que lia Jean-Paul Sartre ou, então, a *femme fatale* que os homens secretamente desejam.

— Nunca compreendi o que tu vias nele, vocês não tinham nada em comum.

Gemi, agarrando-me à barriga.

— Não faças esse ar maninha, o final de um namoro não é o fim do mundo.

— Sou tão estúpida! — Tapei o rosto com as duas mãos.

A Sílvia agarrou o meu pulso, afastando a minha mão para poder ver-me.

— Nem te atrevas a dizer isso. Eu não vou deixar que te rebaixes. — Os olhos dela faiscaram. — Devias ter-me deixado partir-lhe o focinho. Ou então entrar em casa dele e rasgar-lhe as camisas de cobrador de impostos. Eu adorava ter destruído tudo.

— Não ia adiantar de nada, não se pode exigir que alguém goste de nós.

— Qual exigir? Tu não precisas de exigir que gostem de ti, maninha.

— Eu cheguei a pensar que um dia... daqui a uns anos, ia casar... ter uma família.

— E vais ter. Credo, só tens 23 anos, ainda te vai acontecer muita coisa.

— Mas não com o Sebastian.

— Graças a Deus. — A minha irmã imitou a minha posição sentando-se à minha frente. — Eu nem sou de rezar, mas o que te aconteceu foi um milagre.

Inclinei-me, deitei a cabeça no colo da Sílvia e comecei a chorar baixinho.



CAPÍTULO 6

Na noite em que o Sebastian me convidou para jantar num dos seus restaurantes preferidos junto à marina, eu estava nervosa e um pouco desconfortável. Talvez algo dentro de mim suspeitasse do que estava para vir.

Ultimamente, andávamos mais distantes. Ele fora passar um fim de semana com os amigos e nem me convidara. Levei com os olhares de censura da minha mãe quando o tentei desculpar. O Fábio olhou para mim com um misto de pena e tristeza tão gritantes que me doeu mais do que palavras feias.

Vesti um vestido preto simples que comprei um pouco por imposição do Sebastian. Na opinião dele, eu tinha de ser mais sofisticada e deixar de usar calças de ganga e *T-shirts*. Comportar-me como uma mulher. Ele odiava os meus ténis e fazia comentários de todas as vezes que eu ia ter com ele sem usar maquilhagem.

Perguntava-me: que foi que ele viu em mim, se eu não era aquilo que ele procurava?

Coloquei um pouco de maquilhagem em redor dos olhos, pintei os meus lábios e apertei o cabelo num rabo de cavalo. Voltei a sentir um aperto no estômago, enquanto colocava as argolas nas orelhas. Nós namorávamos há quase três anos e eu ainda não tinha conseguido dizer que o amava.

O meu coração apertou-se. Não era difícil, eu era uma pessoa que exprimia as emoções, estava sempre a dizer à Sílvia que a amava, à minha mãe, ao meu pai, ao Fábio, até à *Camila*. Ao rapaz que era o meu namorado, eu abria a boca e não saía nada.

Desci as escadas, agarrada ao corrimão para não cair, não estava habituada a usar saltos altos. Ensaiei um «amo-te» dentro da minha cabeça. Era hoje, ia dizer-lhe que o amava.

Ouvi a voz do Sebastian antes de chegar à cozinha e estanquei ao lado da parede.

— Tia, é como lhe digo. Devia convencer a Maria a fazer um curso de pastelaria no estrangeiro. Eu podia ajudar com as despesas.

O tom condescendente rasgou-me por dentro. Os meus dentes rangeram, agarrei com muita força o canto da carteira que usava a tiracolo.

— Talvez Londres, ou Paris. Ela podia desenvolver mais o seu talento. Criar um nome, nós não somos nada sem contactos ou um nome.

«O meu namorado tem vergonha de mim». Desta vez as palavras subiram até à minha boca e alojaram-se como passados mal resolvidos.

— A Maria é adulta — respondeu a minha mãe num tom de voz demasiado tranquilo. Era mau sinal, a minha mãe só baixava a voz quando estava mais que furiosa. — Ela sabe aquilo que quer para a vida dela. Nem eu nem ninguém — replicou como sinal de aviso — vai interferir.

— Mas, tia, eu não quero interferir. Veja a Sílvia, ela foi para Londres à procura do seu sonho.

— As minhas filhas são diferentes — respondeu a minha mãe entre dentes. — E tu, Sebastian, estás ao lado da Maria há tempo suficiente para a conheceres um bocadinho.

— Estou pronta — disse, entrando na cozinha, para que a minha mãe não se exaltasse.

O Sebastian tinha o maxilar cerrado e as costas muito direitas. A ruga na testa da minha mãe parecia querer explodir. Ela virou-nos as costas quando ele me deu um beijo e disse de uma forma mecânica que eu estava bonita.

«Amor». É uma palavra preciosa, que se guarda numa caixa de veludo dentro do coração. Se a usarmos com demasiada frequência, ela fica suja e perde toda a magia. Se a usarmos poucas vezes, ela aumenta, fica gigante, multiplica-se e pode engolir-nos. Naquela noite eu não ia dizer «amo-te» ao Sebastian, preferia engolir as palavras como veneno e morrer encharcada de tanto amor por dar.

A decoração do restaurante respirava elegância e dinheiro. As paredes pintadas de cinzento estavam decoradas com adornos de vidro com formas geométricas impossíveis de reproduzir. O chão espelhado refletia o ambiente à volta. As mesas estavam dispersas pelas duas salas separadas por longos pilares com trepadeiras em redor. A parede de vidro deixava ver as luzes dos barcos atracados na marina.

O prato à minha frente era redondo, com um fundo demasiado grande para o molho esverdeado e o carabineiro que repousava no centro do molho.

Peguei no copo de água e levei-o aos lábios, afastando um pouco do silêncio abafado.

— Queres vinho? — perguntou o Sebastian com um sorriso forçado.

Abanei a cabeça negativamente. Ele encolheu o ombro e encheu o seu copo.

Eu odiava vinho, o cheiro dava-me náuseas. Na mesa ao lado da nossa, uma senhora com um vestido vermelho olhava enfadada para o ecrã do telemóvel. O homem à sua frente fitava a marina com um ar cansado. Um pensamento negro atravessou-se na minha mente: seríamos eu e o Sebastian dali a uns anos? Dois estranhos.

— Esta noite estás particularmente bonita. — O Sebastian olhou-me através do copo de vinho. — Esse batom realça os teus lábios. Eu já te disse que adoro os teus lábios?

— Obrigada — respondi, com um sorriso tímido.

Descontraí, Maria, é o Sebastian. Ele gosta de ti, ele gosta de ti. Quantas vezes teremos de repetir uma mentira até que ela seja verdade?

O empregado de mesa retirou o meu prato intacto, depois o do Sebastian, que nem agradeceu ou sequer olhou para o homem. O Sebastian colocou os cotovelos na borda da mesa e juntou as mãos junto do queixo. Olhou-me fixamente, remexi-me na cadeira; era raro ele olhar-me assim, como se estivesse a ver-me sem cortinas ou artificios.

Por momentos, o meu cérebro estagnou. Será que ele ia dizer que me amava? Olhei à minha volta, aquele restaurante era demasiado caro e chique. E se ele me vai pedir em casamento?

O meu coração disparou. Devolvi-lhe o olhar. Ele tinha uns olhos bonitos, o cabelo louro escuro puxado para trás realçava o rosto. O Sebastian era um homem muito bonito. Procurei dentro de mim as borboletas, flores que nascessem na borda do coração. Não encontrei nada.

Calma, Maria. O amor não nasce do nada, precisa de tempo.

Sorri-lhe.

Ele passou a mão pelos cabelos, usava uma camisa branca sem vincos. O relógio caro reluzia no pulso.

— Encontrei o amor da minha vida.

Entreabri a boca. Ele nunca se tinha declarado a mim, muito menos de uma forma tão direta.

O meu coração disparou.

— Ela é perfeita, Maria. — Voltou a passar os dedos pelo cabelo. Parecia nervoso, ele estava nervoso por se expor daquela maneira diante de mim. Só quis levantar-me e abraçá-lo.

— É divertida, inteligente, aventureira, desconcertante, ambiciosa... — a voz dele ficou carregada de emoção.

Pestanejei. É assim que ele me vê? Mas ainda há umas horas ele estava a queixar-se à minha mãe da minha falta de ambição. A minha testa enrugou-se. Peguei no copo da água, mas voltei a pousá-lo na mesa.

— Eu tentei, Maria. — Os olhos dele estreitaram-se. — Fiz todos os esforços para que as coisas não terminassem assim.

— Não estou a perceber.

— A Vera.

— Quem é a Vera?

Ele não conseguia olhar-me nos olhos.

— Eu estou completamente apaixonado por ela.

Pestanejei. O meu coração falhou uma batida, esmagando os meus pensamentos felizes.

— Eu pensei que estavas apaixonado por mim — disse, com a voz quebrada.

Aquilo não estava a acontecer. O Sebastian gosta de mim. Ele é meu namorado. É suposto os namorados gostarem das namoradas. Há meia hora beijou-me, tocou-me. Na semana passada fizemos amor.

Levei a mão ao peito. Estava a ficar zozza.

— A nossa relação estava condenada ao fracasso, eu pensei que verias isso por ti mesma.

Ele esticou a mão por cima da mesa, baixei as mãos para o colo. Se ele me tocasse, eu transformar-me-ia em pó. Entrelacei as mãos, para sentir alguma coisa.

Nos dez minutos mais longos da minha vida, respirei muito devagar para conter as lágrimas e manter uma postura digna, mesmo que estivesse a ser dobrada ao meio.

Ouvi o Sebastian dizer que a culpa da nossa relação não ter dado certo era minha. Eu não tinha ambição, o meu mundo era pequenino demais para um jovem que tinha ambições de um dia ser presidente do país. Eu era chata, desinteressante, enfadonha... o sexo comigo era monótono.

Se a Sílvia estivesse ali, ela atirava-lhe com o copo de vinho e manchava a sua camisa perfeita, mas eu não era a minha irmã.

As palavras dele estavam a ganhar raízes dentro de mim.

Enfadonha, chata. Desinteressante.

Saí do restaurante com a cabeça baixa, mais tarde amaldiçoei-me por isso, por não ter confiança em mim, por não saber responder na mesma moeda.

Lembro-me de o senhor do táxi olhar para mim muito aflito, a minha palidez era como um lembrete funesto.

Chorei baixinho, numa tentativa de fugir da vida.



CAPÍTULO 7

O John regressou à praia na terça-feira.

O que me trouxe até aqui. A mais uma manhã chuvosa. O vento batia-me no rosto, alguns fios de cabelo desprendiam-se do meu cabelo apanhado a meio e caíam-me para a cara como uma visita.

Hoje ele estava no meio do areal. O capuz do casaco cinzento tapava-lhe a parte superior do rosto, dando-me apenas o vislumbre de uma barba escura.

Um enorme sorriso alastrou-se pelos meus lábios. Senti o peso daqueles dias em que ele estivera ausente evaporar-se.

Observei o John como se o estivesse a ver pela primeira vez. Ele tinha as mãos dentro dos bolsos do casaco, as costas hirtas, os olhos fixos em frente. Usava uns ténis Vans e umas calças folgadas de fato de treino.

Parecia mesmo confortável na sua pele. Indiferente ao que os outros pensariam. Senti uma pontada de inveja — como seria viver num mundo em que não temos medo de não ser importantes para alguém?

A conversa que tive com a minha irmã na noite anterior não me saía da cabeça.

— Já viste a cara do psicopata?

A Sílvia era fanática por *thrillers*, lia todos os livros que houvesse no mercado, por isso eu não fiquei surpreendida quando ela veio com a teoria de que o John era um psicopata que desmembrava as suas vítimas. Por vezes, a mente da minha irmã consegue ser bastante assustadora.

Exasperada, tentei passar à frente da sua teoria descabida.

— Não é por viveres numa vila pequena que a probabilidade de te cruzares com um psicopata é menor. Eles estão em todo o lado. Eu tenho a certeza de que a minha chefe faz vídeos das nossas caras de pânico depois de a ouvirmos na reunião semanal e ainda se masturba com isso.

— Sílvia, por favor — implorei.

— Certo. — Ela parou de rir. — Explica-me uma coisa. O que tens a perder se o vires? O máximo que pode acontecer é ele ser feio que dói, assim poupas tempo e partes para outra. Essa história já começa a cheirar mal.

— As coisas não são assim tão simples — respondi, enquanto fitava a minha irmã do outro lado do ecrã do telemóvel.

— Tu é que estás a complicar tudo.

— Eu tenho medo de me desiludir — respondi, com uma pontada de tristeza na voz.

Eu tinha criado uma imagem de um John dócil e carinhoso. Tinha pavor de perder essa ilusão.

A Sílvia fechou os olhos e respirou longamente pelo nariz.

— Maninha, tu és a pessoa que eu mais amo neste mundo.

Pestanejei, surpreendida. A minha irmã não expressava os seus sentimentos com regularidade, muito menos à família.

— Por isso, eu vou ser uma grande cabra. Ou tu fazes alguma coisa para sair desse marasmo onde anda a tua vida, ou eu peço à mãe que te leve a um psicólogo. Já chega de estares agarrada a uma ilusão.

— Estás a exagerar, eu estou bem.

— Tu estás caidinha por um tipo cuja cara nunca viste!

— Não estou... — Desviei o olhar do telemóvel.

— Não quero saber de choraminguice. — A voz da minha irmã continuava dura e inflexível. — Tu és a minha irmã doce e linda, por isso vais até à merda da praia, desces ao areal e vês o tal John. Se ele valer a pena, metes conversa com ele. Se não, há milhares de rapazes que davam tudo para ter uma mulher como tu.

Esfreguei a ponta do nariz. Eu era amada incondicionalmente pela minha irmã e pelos meus pais, eu devia ser a pessoa mais feliz, confiante e segura do mundo. No entanto, as palavras do Sebastian flutuavam dentro de mim como um algarismo rasgado.

Respirei fundo. Agarrei com força o guarda-chuva. A Sílvia tinha razão, eu não tinha nada a perder. As minhas pernas ganharam vida e eu encaminhei-me para as escadas de madeira que davam acesso à praia.

O John continuava no mesmo lugar, com o capuz do casaco a tapar-lhe o rosto, o corpo muito direito, as mãos escondidas dentro dos bolsos.

Era hoje que eu ia ver o John de perto. Acabaram-se as fantasias.

O meu coração queria sair-me pela boca. Dei-me conta de que tinha uma pequena expectativa sobre quem seria o John na realidade. As minhas pernas tremiam e uma vozinha triste dizia-me para voltar para trás.

Continuei. Os meus ténis pisaram a areia firme e húmida.

O aguaceiro tornou-se numa chuva persistente. Apertei o meu saco de pano contra o flanco. Tinha os nós dos dedos brancos devido à força com que agarrava o guarda-chuva.

Ainda não tinha tirado os olhos dele. Tinha medo que se desviasse o olhar para a senhora que passeava o cão com pelo amarelo, ou para os surfistas que entravam na água uns atrás dos outros, o John desaparecesse como uma fantasia levada pelo tempo.

Passei ao lado do cão, que me ladrou amistosamente. O meu foco era o John.

O areal extenso nunca mais tinha fim. Tropecei e quase caí. Parei, ofegante, levei uma mão ao peito e inspirei pela boca absorvendo o cheiro das algas, do mar e da chuva.

Repentinamente, ele virou-se e começou a andar no sentido contrário ao meu. O meu coração queria rebentar entre as costelas. Exigi às minhas pernas que andassem mais depressa.

Ele estava a ir-se embora. Os meus olhos fixaram-se nas costas dele, comecei a correr, mas ele andava mais depressa que eu.

John. Os meus lábios abriram-se, mas não saiu nenhum som.

Corri o mais depressa que pude. Embora não estivesse muito calor e o vento me batesse nas costas, o suor acumulou-se nelas e molhou-me a camisola.

Não vi o galho. O meu pé escorregou, ainda tentei manter-me firme, mas era tarde demais. O guarda-chuva voou da minha mão e eu caí para a frente, desamparada.

Ouvi alguém dizer qualquer coisa. Levantei a cabeça, a mulher que andava a passear o cão de pelo amarelo baixou-se à minha frente, atrás dela o animal saltitava como se estivéssemos a brincar.

— Estás bem?

Abanei a cabeça.

— Magoaste-te?

— Não... — consegui balbuciar.

Os meus olhos estavam secos, assim como a esperança dentro de mim. Desviei os olhos da mulher, enquanto ela me ajudava a levantar.

Fitei o areal. Como todas as fantasias que se esgotam quando abrimos os olhos, o John já não estava lá.



CAPÍTULO 8

— Maria! — gritou a minha mãe do fundo das escadas. — Despacha-te, vamos chegar atrasadas.

— Já vou — respondi suavemente.

A minha mãe estava mais nervosa do que o costume.

Abri o armário, peguei numas calças de ganga e numa *T-shirt* de manga curta. Estava um dia lindo, o céu não tinha nuvens, a brisa quente convidava a ir para a rua e os raios de sol derramavam-se sobre o chão do meu quarto como mel pendurado numa colher.

Deitei uma olhadela ao espelho, não gostei de me ver com a *T-shirt*, sentia-me feia. Suspirei, hoje não era um bom dia, a minha vontade era ficar em casa a fazer bolos.

Vesti uma camisa com bolinhas amarelas que me ficava melhor. Apertei o cabelo num coque a meio e coloquei umas argolas douradas nas orelhas. Apliquei um batom nos lábios. Eu tinha um rosto demasiado redondo, comum. Soltei o ar dos pulmões, nenhuma maquilhagem me salvaria dos pensamentos enrodilhados.

Ajoelhei-me na borda da cama, a *Camila* saltou para os meus braços.

— Mesmo que eu seja feia, tu vais gostar sempre de mim, não vais, *Camila*?

Ela respondeu lambendo-me a bochecha. Dei-lhe beijinhos no cocuruto e afaguei as suas patinhas traseiras.

Levantei-me e fui até à parede onde tinha os ténis. Agarrei nos ténis menos velhos e saí do meu quarto com o saco de pano ao ombro.

Na cozinha, a minha mãe andava de um lado para o outro. Vestia uma blusa cor-de-rosa por dentro de uma saia preta travada, os sapatos de salto agulha eram da mesma cor que a blusa, os cabelos estavam puxados para trás. Os lábios estavam pintados de vermelho-vivo. Os brincos enormes moviam-se ao ritmo do seu nervosismo.

— Até que enfim. Vamos chegar atrasadas! — Pousou a mão na anca e suspirou.

— Ainda é cedo.

— A Helena tem um compromisso. Temos de lá estar antes das 3.

O meu pai estava sentado à mesa a ler o jornal, os óculos de armação quadrada escorregavam pelo nariz, num gesto inconsciente ajeitou-os para cima.

— Parece que vão levar um bolo ao presidente da República — respondeu, despregando os olhos do jornal.

— Mesmo. — Puxei a cadeira ao lado do meu pai e sentei-me para calçar os ténis.

— Vocês acham que eu estou a exagerar? A Helena é uma senhora muito chique, uma escritora famosa, eu já a vi em vários programas na televisão. Eu quero que ela fique com uma boa impressão nossa.

Desde o início da semana que a minha mãe não falava de outra coisa: eu tinha de fazer um bolo para uma pessoa famosa. A mulher tinha visitado a casa de chá com umas amigas e tinha-se apaixonado pelo meu bolo de morango e creme de pasteleiro.

— Viste os sacos de papel?

— Devem estar na casa de chá.

— Maria! — gritou a minha mãe, exaltada. — Eu disse para os trazeses!

O meu pai suspirou, pousou o jornal desportivo aberto em cima da mesa e foi ter com a minha mãe. Envolveu os braços na cintura dela e deu-lhe um beijo no pescoço. Ele era o único que a conseguia acalmar.

— Relaxa, Vitória, a mulher vai adorar o bolo. Toda a gente adora os bolos da nossa filha. — Massajou-lhe o ombro com ternura.

Aqueles eram os meus pais, casados há trinta anos e mesmo assim continuavam a amar-se com uma paixão viva. Às vezes, quando achavam que ninguém estava a olhar, beijavam-se como adolescentes e olhavam um para o outro como se o mundo diminuísse de tamanho para caberem só eles os dois. Tomavam um copo de vinho e falavam de mim e da minha irmã, como uma equipa.

Era difícil nascer dentro de uma bolha impermeável à rutura e não sonhar com um amor assim, firme e constante como uma casa.

— Estás tão linda!

— Não me bajules. — A minha mãe soltou uma risadinha apaixonada e deu uma palmada no ombro do meu pai para ele se afastar.

— Queres que vá ver se há alguns na dispensa? — perguntei.

— Nem penses!

— O que foi?

Os olhos da minha mãe fuzilaram os meus ténis.

— Tu não vais sair de casa com esses ténis imundos, Maria. Que é que a Helena Stein vai pensar?

— Os ténis não estão assim tão maus.

Os seus olhos estreitaram-se. Nunca era um bom sinal.

— Estão rasgados — sibilou entre dentes.

— São os melhores ténis que tenho.

— Mateus, importas-te de explicar à tua filha que não existe uma segunda oportunidade para causarmos uma boa primeira impressão? A tua filha parece que roubou os ténis a um mendigo.

O meu pai soltou o ar dos pulmões, olhando para todo o lado menos para a minha mãe. Ele detestava confrontos, a minha aversão a confrontos e a discussões vinha dele.

— A mulher não vai olhar para os pés da nossa filha, Vitória. Ela quer é comer o bolo — respondeu de forma diplomática.

— Obrigada, pai — disse baixinho.

— Ah, claro. — A veia do pescoço da minha mãe ficou mais saliente. — Se não tens nada de educativo para acrescentar, volta para o teu jornal.

— Vitória, meu amor...

— Não me enerves, Mateus! — A minha mãe juntou as mãos e deitou um olhar prolongado aos meus ténis.

— Eu não compreendo porque é que tenho de ir contigo levar o bolo. Tu fazes todas as entregas sozinha — resmunguei, desgostosa.

— Não me fales nesse tom, minha menina. Que tens assim de tão importante para fazer que não possas dispensar algumas horas da tua tarde? Ficar a flagelar-me por ainda pensar no John.

— Clientes como a Helena dão prestígio à casa de chá, e dinheiro, já agora. Podes fazer um esforço para que tudo corra bem? — perguntou, com a mão na anca.

— Claro — respondi, com um sorriso torto.

A minha mãe foi buscar a mala de mão preta que eu e a Sílvia lhe tínhamos oferecido no aniversário. Inclinou-se para o meu pai e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Não faças asneiras na nossa ausência. Se tiveres fome, bebe água, ou vai dar um passeio, mas não te atrevas a comer. Estás de dieta.

— Dieta? — O rosto do meu pai ensombrou-se. — Eu fui desterrado para o inferno.

A minha mãe meteu na cabeça que o meu pai tinha de perder peso. Devido ao trabalho de professor, o meu pai passava muito tempo sentado, por isso a minha mãe criou uma lista de regras que incluíam comida saudável e caminhadas todos os domingos de manhã.

— Eu não estou gordo, Vitória, e afinal é fim de semana, posso exagerar um bocadinho.

— Logo à noite comes gelatina.

— Gelatina é para crianças e doentes. Filha, achas que estou gordo? — perguntou, quando passei ao lado dele.

— Não, pai — respondi, com um sorriso.

— Vês, a minha filha não mente. Eu não estou gordo, Vitória! — disse, exasperado.

— A Maria está a esconder a verdade para não te magoar.

A minha mãe abriu a porta da cozinha que dava para as traseiras da casa. Passei à sua frente com o bolo nas mãos.

— Eu contei as tarteletes, Mateus! — gritou a minha mãe, antes de fechar a porta.



CAPÍTULO 9

— **T**ens a certeza de que é aqui? — perguntei, olhando através do vidro do carro.

A minha mãe parou em frente de um portão de ferro de aspeto antigo. Por cima do muro de pedra, uma pequena câmara com uma luz verde apontava para a rua. O caminho à nossa frente era ladeado por enormes pinheiros afunilados e uma estrada que se perdia no verde esfuziante.

— Eu penso que sim. — Ela olhou para o telemóvel vendo o GPS com a morada da Helena Stein.

Atravessámos o portão. Os pinheiros alongavam-se sobre as sombras do sol, criando uma vista agradável aos olhos. O caminho terminava num largo aberto, onde um *Volvo* estava estacionado.

As paredes da fachada da casa eram todas em vidro e refletiam os pinheiros verdes do jardim. Uma escadaria de pedra subia por entre uma parede de catos e pequenos canteiros com flores coloridas. Seixos e pedras de vários tamanhos moldavam-se na paisagem como uma tapeçaria. Um plátano, com a copa reclinada, servia de arco natural para as escadas encostadas à parede. Casa e natureza pareciam partilhar o mesmo cordão umbilical.

A minha mãe saiu do carro, abriu a porta traseira e tirou o bolo. Depois olhou fixamente para a casa.

— Nem quero pensar no trabalho que devem ter para limpar estas paredes de vidro e cuidar deste jardim todo. — Apontou para os meus pés. — Eu disse-te que a Helena não era uma cliente qualquer. Vamos rezar para que ela não repare nesses ténis imundos — disse, com uma careta.

— Podias ter vindo sozinha — respondi baixinho, enquanto a seguia pelo carreiro de gravilha que dava acesso à entrada principal da casa.

— E tu, se tivesses carta de condução, podias vir entregar o bolo. — Deitou-me aquele olhar mortífero que usava quando a Sílvia fazia asneiras.

Parámos em frente a um pequeno vestíbulo exterior com duas paredes de pedra escura e pequena. Um enorme vaso de terracota com um tronco seco no interior dava as boas-vindas aos visitantes.

Uma porta envidraçada mostrava o meu reflexo, a camisa às bolinhas talvez não fosse a melhor indumentária para entrar naquela casa moderna e imponente. Lembrei-me de que tinha um pequeno buraco na zona da manga, para não falar que estava bastante desgastada.

A minha mãe tocou no pequeno botão colado na parede. Passado um minuto, uma mulher abriu a porta. Ela usava uma saia preta justa e uma camisa branca sem vincos ou manchas, os sapatos práticos pareciam nunca ter sido usados. Tinha uma pele escura, um rosto lindo e uns olhos pretos vibrantes que combinavam com as argolas que usava nas orelhas.

— Boa tarde — cumprimentou a minha mãe, adotando uma postura confiante e um sorriso profissional. — Sou a Vitória Mendes, da casa de chá da vila, vinha entregar um bolo à senhora Helena Stein.

— Claro, entrem — disse a mulher, esticando a mão para o lado.

— A minha filha — disse a minha mãe assim que passei a soleira da porta.

Sorri para a mulher, que supus ser a empregada da Helena Stein.

No *hall* de entrada, um vaso despidido de adornos olhou para mim e a luz que penetrava através da parede de vidro alagava o chão.

Aquela casa era maior que a do Sebastian. Contraí-me por dentro, desejosa que a minha mãe entregasse o bolo o mais depressa possível para sairmos deste sítio perfeito e distante.

— A Helena teve de ir atender uma chamada urgente — informou a mulher, apontando para o corredor a perder de vista.

Eu teria de recorrer a um mapa para não me perder nas linhas retas desta casa.

— Nós não queremos interromper — disse a minha mãe num tom neutro.

— Não interrompem nada.

A mulher encaminhou-se para a direita. Seguimos atrás dela por um outro corredor longo e espaçoso, passei ao lado de um quadro grande com cores berrantes e linhas disformes que provocavam um caos bonito e nada desagradável à vista. Os meus pés pisaram o tapete preto, encolhi-me ao ver a minha mãe a olhar para mim por cima do ombro.

As paredes de vidro que atravessavam toda a casa mostravam um enorme relvado a perder de vista, um banco de madeira debaixo de uma tília com um tronco grosso e forte e, ao fundo, o retalhado azul do mar.

— Este jardim deve dar um trabalhão — disse a minha mãe para a mulher simpática que se chamava Cíntia.

— Uma empresa vem cá todas as semanas. Por vezes não conseguem fazer o trabalho todo num só dia, mas compensa. Eles são muito bons e extremamente cuidadosos.

Ouvi o pequeno suspiro da minha mãe.

— Quem me dera ter um jardim assim, o meu marido plantou umas oliveiras há uns anos, mas não crescem muito. Ele não tem jeito nenhum para as plantas e eu não tenho tempo para nada.

A Cíntia fez um aceno simpático com a cabeça.

A casa parecia não ter fim. Dobrámos uma esquina, dando de caras com mais uma parede branca. Ao fundo, uma escadaria com um corrimão redondo de inox servia de caminho até ao segundo piso da casa.

Comecei a imaginar como seria a Helena Stein. Uma senhora moderna, que gostava de linhas retas, cores sóbrias e tinha muito dinheiro para gastar com jardineiros?

Virei o rosto e a minha boca abriu-se. Diante dos meus olhos estava uma cozinha em espaço aberto e que parecia saída de uma revista de *design*.

Três das paredes eram completamente de vidro. Os móveis em aço tinham um tom cinzento-escuro, balcões corridos com mármore preto e poucos utensílios. O fogão ultramoderno esticava-se sobre um dos balcões como um ofertório.

No centro havia uma ilha com o tampo branco e bancos de pé alto. Ao fundo, virada para uma das paredes de vidro, estava uma mesa redonda de madeira com quatro cadeiras e uma jarra também redonda, de vidro tosco, no centro.

A minha mãe desceu os degraus que davam acesso à cozinha, os seus olhos varrendo o espaço com avidez.

O chão estava tão limpo e imaculado que eu me via espelhada nele.

O mármore dos balcões não tinha uma única dedada. Tudo era limpo, organizado e perfeito. Esta casa parecia surreal.

— Pode pousar o bolo ali. — A Cíntia apontou para um dos balcões que acompanhavam toda a parede à minha esquerda. — Posso servir-lhe alguma coisa? — perguntou, virando-se para mim. — Um sumo, uma água.

— Não, obrigada — respondi, com um sorriso.

Só de imaginar os meus dedos a tocarem em alguma coisa naquela casa arrepiava-me toda, desastrada como eu era ainda sujava o chão. O melhor era manter-me quieta.

— Está mesmo calor — respondeu a minha mãe depois de recusar o convite da Cíntia para tomar uma bebida.

— No outro dia ouvi nas notícias que vem aí uma vaga de calor.

— Pois, o meu marido também comentou comigo. Que loucura, ainda estamos no início de abril.

A Cíntia perguntou como estava o negócio e se os turistas estavam a

regressar em força à vila. A minha mãe queixou-se dizendo que o negócio estava parado. Os turistas andavam a consumir pouco.

— Vamos ver como corre a época alta, de julho e agosto — respondeu, encolhendo os ombros.

Eu fiquei quieta e parada no meio da cozinha, o mais afastada possível da ilha e dos balcões imaculados, não fosse a minha roupa espalhar algum grão de sujidade.

— Mas que maravilha — disse uma voz alegre.

Virei-me.

A Helena Stein era uma mulher baixinha, com cerca de 80 anos. Usava um vestido verde-lima, um cinto dourado marcava a sua cintura roliça. Nos pés usava umas sandálias de tiras pretas. As muitas pulseiras nos pulsos tilintavam conforme se movia, tinha anéis em ambas as mãos e as unhas pintadas de cor-de-rosa.

O cabelo era completamente branco e o rosto estava marcado com pequenas rugas na zona dos olhos e da boca. Os olhos eram azuis, como as águas cristalinas de uma praia deserta.

Nunca teria imaginado que a dona daquela casa ultramoderna fosse uma senhora com cara de avó que faz bolachas para os netos ao sábado de manhã.

— Vitória, minha querida. — Abriu as mãos para os lados. — Peço imensa desculpa, detesto fazer as pessoas esperar.

A minha mãe foi ter com ela. Inclinou o rosto e cumprimentou a Helena com dois beijos, que esta retribuiu com um abraço apertado.

— O meu editor não me larga. Estou sempre a dizer-lhe para ele procurar sangue fresco, que esta carcaça velha já deu tudo o que tinha a dar. — A gargalha sonora fez os seus ombros estremecer. — Mas ele não me dá ouvidos. Pensa que eu ainda sou uma miúda nova e que tenho todo o tempo do mundo!

— Viemos cedo demais, desculpe.

— Nada disso. — A Helena pegou na mão da minha mãe. — Minha querida, vocês chegaram na hora certa. Quem me dera ter tempo para podermos tomar um chá e conversarmos um bocadinho. — Soltou uma risadinha e depois viu-me. — Mas quem é esta menina tão bonita? — perguntou, colando os olhos azuis em mim.

— Maria, a minha filha — respondeu a minha mãe com uma voz orgulhosa.

— A minha pasteleira favorita.

Ela abriu os braços. Inclinei-me e abracei-a. A Helena Stein cheirava a uma tarde quente de outono, cheirava ao colo da infância.

— És tão linda, minha querida — disse, afastando-se de mim. Fitou-me de alto a baixo, olhou para os meus ténis, mas não aconteceu nada de ruim. — Eu sonho todos os dias com os teus bolos — afirmou, com a cabeça ligeiramente inclinada para mim como se estivesse a revelar um segredo. — Sou uma gulosa do pior, não é, Cíntia?

A empregada assentiu com um sorriso.

— Eu já disse à tua mãe, tu és muito talentosa, os teus bolos desfazem-se na boca.

Sorri-lhe, envergonhada.

— Aquele bolo de limão e ricota com recheio de *mascarpone* e mirtilos...

— Ela abanou a mão. — Era divino. Uma verdadeira tentação.

— Obrigada — balbuciei, corada. Ficava genuinamente feliz por as pessoas gostarem dos meus bolos. Era uma recompensa sem preço.

— Ai, minha querida, mas tu és tão novinha, quantos anos tens?

— 23.

Deu-me uma palmadinha afetuosa no braço.

— 23 anos, foi há tanto tempo. — Inclinou-se para mim. — Até pareço uma velha a falar. — A sua gargalhada encheu a cozinha.

Descobri que era impossível alguém não gostar da Helena Stein.

Ela afastou-se e foi até ao balcão. Abriu a caixa e espreitou lá para dentro.

— Lindo. A primeira vez que fui à vossa casa de chá, experimentei este bolo. — Virou-se para mim, com uma expressão feliz. — Fiquei louca. Hoje, como vou gravar um programa na rádio, decidi levar este bolo para as meninas que vão trabalhar comigo. Elas vão adorar.

— O programa vai ser um sucesso — replicou a minha mãe.

— Minha querida Vitória, você é um anjo.

As faces da minha mãe ficaram coradas. A minha mãe nunca corava ou ficava sem jeito.

— Vocês são umas queridas, virem a minha casa entregar-me o bolo. Eu ainda pedi ao meu neto para ir à casa de chá, mas depois lembrei-me que vocês não abrem ao sábado. Ou seja, tiveram de fazer esta deslocação desnecessária por minha causa.

— Eu faço-o com o todo o gosto, a Helena está acima de uma cliente normal.

A Helena soltou uma gargalhada.

— Vou acreditar que não diz isso a todos os clientes.

Se ela soubesse o quão nervosa estava a minha mãe...

— Bom, desculpem estar a encurtar a vossa visita, mas tenho mesmo de me despachar. — Ela abriu as mãos num gesto de impotência. — Tenho de atravessar a ponte para a cidade e com este tempo maravilhoso sei que vou apanhar trânsito. Deve estar toda a gente a querer vir para as praias, não é?

— Imagino que sim, eu evito sempre o centro da vila ao sábado.

— Mas eu faço questão que vocês voltem noutro dia.

A Helena olhou para a mesa de madeira e depois para a Cíntia.

— A minha mala?

— Estará no escritório? — perguntou a empregada.

— A minha cabeça. — Passou a mão pela testa. — Nunca sei onde deixo nada. O meu marido costumava brincar comigo, dizendo que eu era uma verdadeira escritora, afinal vivia nas nuvens. Cíntia, querida, não te importas de ir lá acima buscar o meu casaco de malha?

A empregada assentiu, antes de sair da cozinha sem fazer barulho.

— Vitória, pode acompanhar-me ao escritório para tratarmos dos pormenores?

Pormenores, para pessoas como a Helena Stein, deviam ser dinheiro.

— Sim.

— Nós não demoramos. Fica à vontade, querida — disse-me, com um sorriso rasgado.

Dei por mim a sorrir-lhe com um à-vontade pouco característico em mim. Ela era uma pessoa que vivia num mundo de que eu não gostava particularmente; nunca sabia como comportar-me no mundo dos que têm em demasia. Contudo, a Helena não me parecia ser egocêntrica.

As vozes desapareceram na distância. Voltei-me, vendo-me completamente sozinha naquela gigantesca cozinha. Olhei novamente para o chão, ali não havia pelos de gato, migalhas de se comer à pressa ou nódoas pegajosas de sumo. Ali, a perfeição era fria e impessoal, o que não combinava com a alegria e a gentileza da Helena Stein.

Cruzei as mãos na frente do corpo para não deixar a minha presença em nada. Dei alguns passos, observando a ilha no centro da cozinha e a mesa de madeira aconchegante.

Os meus olhos varreram a paisagem, tive um vislumbre de uma piscina com uma água muito azul, fitei as árvores muito verdes. Ao fundo, o mar salgado e infinito rasgava a linha entre a terra e o céu.

Aproximei-me da parede de vidro. Uma porta corrida estava entreaberta, deixando os aromas do exterior deslizarem para a cozinha. Senti o cheiro

das tílias, da alfazema e da terra húmida, como se alguém tivesse acabado de regar uma parcela do jardim. Talvez fosse feio estar a fitar tudo aquilo com um deslumbramento baboso, mas, como não estava ninguém a ver-me, podia admirar aquela vista mais um bocado.

Deitei uma olhadela ao deque de madeira que atravessava toda aquela zona da casa. Perto da porta encontrava-se uma grande mesa de jantar com cadeiras pretas, dois grandes vasos com plantas bonitas estavam encostados à parede. Mais à frente havia um sofá de verga com almofadas brancas, mais cadeiras, uma mesinha com dois livros esquecidos.

O sol espreitava por entre as árvores inundando aquele lugar pacífico. A Helena tinha tanta sorte por poder viver num sítio com aquela vista linda...

Percorri o deque com o olhar até que os meus olhos se arregalaram e o meu coração paralisou.



CAPÍTULO 10

Os meus olhos arregalaram-se como se nenhum tamanho fosse suficiente para a realidade. Por um segundo, pensei que estava a sonhar. Ainda estava no meu quarto, na minha cama. Ia acordar a qualquer momento.

— Não pode ser. — Os meus lábios moveram-se com uma lentidão asfixiante. — Não pode ser — repeti, com a garganta seca.

O John estava à minha frente.

O John. Que me tinha arrancado de um marasmo deixado pelo Sebastian só com a sua existência. O John, que me fazia sonhar acordada com o dia em que ele iria entrar na casa de chá, olhar para mim e apaixonar-se perdidamente. O John, que para a minha irmã era um psicopata, para o Fábio um velho babão ou um surfista sem uma perna. O John, que eu já tinha perdido a esperança de ver algum dia.

Ele estava a menos de vinte metros de mim. Estava sentado no primeiro degrau das escadas de madeira, cotovelos pousados em cima dos joelhos, as costas largas que eu conseguia desenhar de olhos fechados estavam descontraídas. Usava uma *T-shirt* azul e o boné preto escondia-lhe o cabelo. Vi o seu pescoço e o contorno dos braços.

Arregalei os olhos até ver pontinhos brancos a dançar à minha frente.

O meu John estava ali. O meu coração batia erráticamente. Os meus pulmões expandiram-se como um diapasão.

O som de um pássaro acordou-me. Pestanejei. A realidade apoderou-se da minha fantasia, recuei um passo, as minhas pernas tremiam e o meu corpo gritava para fugir.

Sem conseguir desviar os meus olhos dele, percebi que não estava a sonhar, ele era mesmo uma pessoa, de carne e osso, com um coração, com emoções e estava naquela casa perfeita. Porque é que a realidade é sempre uma bruxa má?

— Não pode ser. — Desta vez senti as palavras enroladas na ponta da língua.

Recuei mais um passo e embati de lado na bancada, a dor da pancada foi interrompida por um som inconfundível e tenebroso.

Desviei os olhos do John e baixei a cabeça para o chão preto e imaculado.

Levei a mão à boca. Todo o meu corpo congelou. No chão estavam dezenas de estilhaços de um vidro azul.

Com a luz do sol a cena parecia ainda mais surreal, a poça de água e as duas rosas no chão eram como as vítimas de um acidente inesperado.

Acabara de partir uma jarra e, como tudo naquela casa, a jarra devia custar mais do que eu ganhava num ano.

Aflita, baixei-me e olhei para os estragos que acabara de fazer.

Os vidros espalhavam-se por todo o lado. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Como é que eu posso ser tão imbecil? Como é que não vi que a jarra estava no canto da bancada perto do abismo, como é...? Agarrei num pequeno vidro entre o polegar e o indicador.

— Não te mexas.

A voz profunda paralisou o meu corpo.

Ele apareceu à minha frente e ajoelhou-se. A pala do boné tapava-lhe o rosto. Olhou para os vidros e para as duas rosas brancas perto da biqueira da sua bota preta, depois ergueu a cabeça e fixou o olhar em mim. Uma corrente elétrica trespassou o meu corpo e alojou-se no meu estômago na forma de milhões de pequenos pontinhos coloridos.

Ele era o homem mais bonito que eu tinha visto em toda a minha vida.

— Não deves pegar assim no vidro. — Ele ergueu a mão e retirou o vidro de entre os meus dedos. — Podes magoar-te.

A voz dele era veludo a cair para dentro de uma caixa.

Todo o meu corpo se transformou numa fogueira. Uma chama que arde e que se sente. Assustada com a reação inesperada do meu corpo, levantei-me e agarrei com força o rebordo da esquina da ilha.

Desviei os olhos para o chão, sentindo os nós dos dedos a arder devido à força com que agarrava o mármore. Eu via rapazes bonitos quase todos os dias. Os surfistas na praia, alguns rapazes que iam à casa de chá. Eu namorei com um rapaz atraente e bonito. Mas, assim que os meus olhos pousaram no rosto do John, algo dentro de mim abriu-se, como uma semente que sempre esteve lá, mas ainda não chegara o tempo certo para ela se expor.

Existe a beleza suprema e universal apenas ao alcance de um punhado de sortudos. Existe a beleza selvagem que nunca é consensual. Depois existe uma beleza que é como um murro no estômago, uma rajada de vento que despenteia o coração. Existem pessoas que são tão bonitas que deixam todos os outros num limbo. Aparecem e a pupila dilata. O coração acelera e a respiração para.

O John era assim.

Os olhos dele eram castanhos, da mesma cor que as folhas secas, aquelas que apanhamos e guardamos na dobra da memória. As pestanas eram longas e escuras, como o tecido de um romance. O nariz era fino e desenhado ao milímetro. As maçãs do rosto sobressaíam, tornando-o perigosamente sensual. A curva do lábio inferior avermelhada era tenebrosamente convidativa. A barba cobria-lhe o maxilar definido.

O meu cérebro não me obedeceu, não consegui desviar o olhar do rosto dele. Os milhões de pontinhos coloridos no meu estômago fizeram-me cócegas no coração. Ele não tinha só uma beleza atraente, ele tinha uma beleza viciante.

O John endireitou-se, atirou com o vidro para cima da mesa da ilha e depois encostou-se à bancada do outro lado, em linha reta, do local onde eu estava. Era mais alto do que eu pensava, teria mais de um metro e oitenta. Tinha uns ombros e peito largos como se praticasse exercício com regularidade. Os meus olhos fixaram-se em coisas irrelevantes, as veias salientes dos antebraços, a pele morena, o relógio prateado no pulso esquerdo, as calças de ganga pretas, as coxas alongadas como os picos de um encontro.

Quando voltei a olhar para o seu rosto, ele tinha as mãos enfiadas dentro dos bolsos das calças de ganga, um pé cruzado sobre o outro e olhava-me com uma ponta de curiosidade.

Pedi a Deus que o chão me engolissem, bastava um buraco pequeno. Eu só queria desaparecer. Andei semanas a imaginar como seria vê-lo de perto e agora ele estava mesmo à minha frente, num dos momentos mais embaraçosos da minha vida. Tinha acabado de partir uma jarra, nesta casa perfeita e imaculada. Seria a casa dele?

— Estás bem? — perguntou, com uma voz que incendiou o meu corpo.

Levantei a cabeça. Quando os meus olhos se cruzaram com os dele, a minha face enrubescceu, ele olhava para mim com uma intensidade esmagadora, quase como se quisesse tocar a minha alma.

— Eu... — sussurrei baixinho.

O grito agudo da minha mãe rasgou a minha vergonha. Ela apareceu na cozinha com a atitude de quem leva tudo à frente. Olhou para o local do meu crime antes de virar a sua fúria para mim.

— Maria? — Gritou o meu nome como se fosse uma blasfémia.

Afastei-me da bancada e entrelacei os dedos na frente do corpo. Estava em choque, pelo John, pela vergonha, pela jarra que não sabia como haveria de pagar e pela minha mãe que se tinha empenhado tanto em fazer boa figura diante da Helena Stein e eu estraguei tudo. Eu e a minha estupidez crónica.

— Mãe... — balbuciei, numa voz entrecortada.

— Como é possível, Maria? — A minha mãe olhava para a jarra partida, com uma expressão incrédula e desiludida.

— Foi um pequeno acidente, Vitória. — A Helena apareceu por detrás da minha mãe com uma expressão nada zangada no rosto e deitou-me uma olhadela solidária ao ver a fúria da minha mãe.

— Helena. — Ela virou-se para trás, agarrando na mão da outra mulher. — Peço imensa desculpa. Nem sei o que dizer.

— É só uma jarra, querida. — A Helena apertou a mão da minha mãe.

— Foi um acidente, o que importa é que a sua filha não se magoou.

— Estes acidentes já não deviam acontecer na idade da minha filha!

Encolhi-me por dentro. Virei-me de lado. Ele ainda estava demasiado presente. Ele estava em todo o lado.

— Desculpe — pedi, sem conseguir olhar para a Helena.

A minha mãe virou-se para mim fulminando-me com os seus olhos verdes.

A Helena afastou-se da minha mãe e veio ter comigo.

— Oh, querida. — Ela colocou uma mão na minha cintura e apertou-a com carinho. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, trinqueei a língua. Por favor, Deus, não me faças chorar em frente dele. Por favor, por favor.

Eu estava a ser castigada por espreitar às escondidas aquele homem lindo. Era o que dava tentarmos voar com asas de carvão.

— Não fiques assim. — A Helena apertou-me o braço. — Vitória, está a deixar a sua filha desconfortável — disse, virando o rosto na direção da minha mãe.

— Helena, diga-me quanto custa a jarra que eu faço questão de pagar.

— Vamos ter calma, você está muito nervosa. Acha que eu algum dia lhe ia cobrar por uma jarra de vidro? — Olhou-a, mais divertida do que zangada.

— Uma jarra cara.

— Bem, não interessa o valor — cortou a Helena no mesmo tom afirmativo da minha mãe. — Era só uma jarra.

A minha mãe abanou a cabeça, desgostosa.

— Tobias.

O nome dele flutuou no ar e veio pousar nos meus lábios entreabertos como se fosse um arquipélago.

— Faz-me um favor, querido, vai chamar a Cíntia para limpar isto.

Virei o rosto um bocadinho e vi-o passar ao lado da Helena. Ele tinha um andar confiante, de quem não queria agradar ou impressionar ninguém.

Afastou-se e os meus olhos percorreram as linhas duras das suas costas, da cintura fina, do rabo. Desviei os olhos, envergonhada, envergonhada comigo, com o meu corpo, com os meus pensamentos, com o meu nervosismo diante dele. Nunca na minha vida me tinha sentido tão estranha, tão dominada pela simples presença de um homem.

— Vitória, olhe para mim. Vamos esquecer isto, está bem?

— Mas, Helena, eu quero mesmo pagar o prejuízo.

— E eu quero que você me ouça. Sabe quantas jarras iguais a esta eu tenho espalhadas pela casa? Muitas. E, mesmo que não tivesse, eu jamais aceitaria o seu dinheiro, e por favor acalme-se. A sua filha já está a sentir-se suficientemente desconfortável com esta situação. — Virou-se para mim com um sorriso. — Não é, querida?

Não consegui mexer-me. Estava atulhada de medo e vergonha.

— A Maria é crescida e tem de saber o que faz.

— Nunca partiu nada, Vitória? — perguntou a Helena.

— Claro que sim, mas não em casa de... — A minha mãe interrompeu-se. — Alguém desconhecido — concluiu, com a testa enrugada.

— E eu a pensar que já éramos amigas. — A gargalhada da Helena atenuou a tensão cortante no ar. — O meu neto já foi chamar a Cíntia, ela limpa tudo e pronto, assunto encerrado.

Neto? Ele era neto da Helena Stein. Meu Deus, eu só queria morrer.

A Cíntia apareceu seguida do John, Tobias, John. Estava tão chocada que não conseguia raciocinar de forma coerente.

— Cíntia, querida, podes limpar isto, por favor? — Apontou com a mão num gesto displicente. — A Helena virou-se de frente para mim e apertou o meu ombro.

— Desculpe — disse, olhando-a nos olhos azuis bonitos e tranquilos.

Uma expressão divertida marcava-lhe o rosto.

— Não me peças desculpa, querida, é da maneira que vou comprar outra jarra e não vou sentir-me culpada por isso. — Ela soltou uma gargalhada e apertou o meu queixo com o polegar e o indicador. — Foi um acidente. Eu estou sempre a partir coisas, não é, Tobias? — Virou o rosto para trás.

Ele tinha descido os degraus e estava agora do outro lado da cozinha com as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. O seu rosto era uma máscara incompreensível, mas por dentro ele devia estar a rir-se de mim, a pensar que eu era uma desastrada, uma enfadonha sem piada nenhuma, como o Sebastian disse sem desviar os olhos dos meus.

Eu só queria esfumar-me no ar.

— Acidentes acontecem — respondeu, olhando para a minha mãe.

Ela suspirou.

— Bom, é melhor irmos embora.

Caminhar até à minha mãe era como caminhar sobre brasas de saltos altos. A presença do John era demasiado poderosa.

A minha mãe agarrou-me pelo braço e apertou-me contra ela, como se tivesse medo de eu voltar a fazer algum disparate.

— Helena, passe na casa de chá por favor, eu ofereço-lhe o lanche.

— Claro que sim, eu vou lanchar consigo com todo o gosto, não por causa de uma jarra, mas porque gosto da Vitória e da Maria.

Deitei-lhe uma olhadela de fugida, senti a esmagadora sensação que era a primeira e a última vez que o via. O sol batia-lhe no pescoço e sombreava-lhe parte do rosto. Ele era demasiado bonito, demasiado atraente, o murro no meu estômago comprovou-o.

Ele devia viver rodeado de raparigas como a Vera, que não comem glúten, que têm pernas fantásticas, que sabem sempre o que dizer e que esbanjam confiança e atitude.

Era uma verdade absoluta: pessoas bonitas atraem pessoas bonitas, não pessoas comuns como eu. A tristeza agarrou-se aos meus ossos, dei-me conta de que o John era inalcançável, a partir daquele momento eu jamais poderia voltar a sonhar com ele.

A minha vida voltou a ficar desgastada e triste.